

*Nascentes***DISCURSIVIDADES SOBRE A “NOVA” PREVIDÊNCIA EM/NA REDE:
ENTRE A ESTABILIZAÇÃO DOS JÁ DITOS
E A EQUIVOCIDADE DE SENTIDOS***Paula Souza Pereira***Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes***

RESUMO: Este artigo¹ objetiva analisar o funcionamento do discurso da “nova” Previdência em uma postagem na *fanpage* “Previdência e Trabalho”, no *facebook*, e em três comentários do *post*, tomando como base a Análise de Discurso de filiação pecheuxtiana. O discurso, afetado pelas condições de produção e circulação das mídias digitais, funciona numa intensa movimentação dos sujeitos e sentidos. A “nova” Previdência é discursivizada com efeitos de justiça, entretanto, observamos o funcionamento da equivocidade, pela atualização da memória de velhas práticas de exploração ao trabalhador.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso digital; “Nova” Previdência; Silenciamento de sentidos.

Introdução

No governo do ex-presidente Michel Temer (Movimento Democrático Brasileiro – MDB), as discussões sobre uma possível reforma da Previdência geraram inúmeros embates sociais e ideológicos. Naquele período, mais especificamente no final de 2016, o governo Temer apresentou uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC 287/2016), instituindo mudanças no que tange a diversos benefícios previdenciários e assistenciais. Contudo, após alguns debates, em 2018, a mencionada PEC foi suspensa, devido tanto ao pequeno apoio de parlamentares à aprovação das alterações² quanto à intervenção federal que acontecia no estado do Rio de Janeiro³.

* Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Doutoranda em Linguística pela mesma Instituição. Bolsista Uesb.

** Doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

¹ O estudo trata-se de um recorte de pesquisa de doutorado.

² Destaca-se aqui que a proposta de reforma também perde força por causa de denúncias envolvendo o nome de Temer em escândalos de corrupção, o que ocasionou uma crise institucional em seu governo.

³ O Rio de Janeiro passou por uma grande crise econômica, no ano de 2016, que atingiu fortemente o setor de investimentos em segurança. Diante dessa situação, o governo estadual decretou estado de calamidade pública. Em 2018, o governo federal interveio na autonomia do estado, a fim de tentar controlar a segurança, ação que

Em fevereiro de 2019, o presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro (então Partido Social Liberal/PSL)⁴, eleito em outubro de 2018, lançou a Proposta de Emenda Constitucional (PEC 6/2019) que implementou a chamada “nova” Previdência, promovendo modificações em relação à concessão de benefícios, estimando, inicialmente, uma economia superior a R\$ 1 trilhão em dez anos⁵. Nessa guinada, apesar da aprovação da proposta na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, o assunto gerou grandes polêmicas, uma vez que atingiu diretamente a classe trabalhadora do país.

Isto posto, respaldamo-nos na Análise de Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux para investigar as discursividades sobre a “nova” Previdência no digital. Logo, observaremos os efeitos de sentidos e as posições-sujeito no processo discursivo materializado na web, sob o jogo de forças da memória que busca estabilizar sentidos, mas também pode instaurar a equívocidade.

Como materialidades de análise, temos uma publicidade postada no dia 21 de fevereiro na página “Previdência e Trabalho”, no *facebook*, além do recorte de três comentários do *post*, tendo em vista os objetivos deste artigo. Segundo Orlandi (1984), o recorte trata-se de um fragmento da situação discursiva, ou seja, de uma unidade discursiva constituída por fragmentos de linguagem-e-situação.

Neste estudo, mobilizamos, em especial, as noções de discurso, sujeito, interdiscurso e memória, metáfora, paráfrase e polissemia, e silenciamento, as quais passaremos a discutir nesse momento.

Pressupostos teóricos da Análise de Discurso

Conforme Pêcheux (1997, p. 82), o discurso é definido como “efeito de sentidos” entre interlocutores. Nessa esteira, a Análise de Discurso (AD) toma a língua em sua não transparência e em seu caráter material, constitutiva de falha, não considerando o sujeito enquanto origem do dizer, porém como uma posição entre outras (PÊCHEUX, 2014).

Na AD, o sujeito é histórico e ideológico, no entanto, ignora que o é, pois é afetado pelo inconsciente (INDURSKY, 2008). Assim, o indivíduo, ao se relacionar com uma dada formação discursiva (FD) é interpelado pela ideologia a ocupar uma dada posição-sujeito no discurso, e suas práticas discursivas instauram-se pela ilusão de que ele domina o que diz

durou até o dia 31 de dezembro de 2018. Como a Constituição Federal impede mudanças no texto em épocas de vigência de intervenção federal, a tramitação da PEC da reforma lançada pelo governo Temer foi suspensa.

⁴ Atualmente, Jair Bolsonaro está filiado ao Partido Liberal (PL).

⁵ Após inúmeros debates, a RP foi aprovada com estimativa de impacto financeiro de pouco mais de R\$ 850 bilhões em dez anos.

(INDURSKY, 2008). A FD é conceituada por Pêcheux (2014, p. 147) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

Nessa perspectiva, o interdiscurso corresponde ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, sendo submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014). Pêcheux e Fuchs (1997) caracterizam a formação ideológica como um elemento passível de intervir num embate de forças ideológicas, em uma formação social. Em virtude disso, cada formação ideológica institui um conjunto de representações que se vinculam a posições de classe em confronto (PÊCHEUX; FUCHS, 1997).

Ainda nessa vertente, a memória funciona sob um jogo de tensão entre o acontecimento no discurso:

um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”. (PÊCHEUX, 2020, p. 49)

Segundo Courtine (2014, p. 105-106), a memória discursiva “diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. Nesse ínterim, o “o enunciado não é a proposição, nem a frase, nem o ato de linguagem”, mas é tido numa perspectiva discursiva (COURTINE, 2014, p. 85).

Dessa maneira, cada formulação materializada na língua atualiza a memória, e tanto retoma sentidos já ditos, como também instaura novos efeitos e rupturas. Tal processo é postulado por Pêcheux (2014) como relações metafóricas (promovidas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos). O efeito metafórico resulta do trabalho da ideologia, da interpretação e da historicidade (ORLANDI, 2012a).

Nesse viés, Orlandi (2012a) explana que o funcionamento da linguagem na AD apoia-se na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Aqueles dizem respeito a algo que se mantém em todo dizer, reportando à memória e representando o retorno aos mesmos espaços do dizer, estando ligados à estabilização (ORLANDI, 2012a). Na polissemia, entretanto, há deslocamentos/rupturas de processos de significação. Dá-se, portanto, um constante movimento entre a paráfrase e a polissemia, que trabalham o dizer de maneira que todo discurso funciona nessa tensão entre o mesmo e o diferente, entre o sentido estável e a equivocidade (ORLANDI, 2012a).

Destarte, Orlandi (2012a) assevera que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo. A polissemia, por sua vez, é a

fonte da linguagem, já que é a condição de existência dos discursos, porque se os sentidos e os sujeitos não fossem múltiplos, não haveria necessidade de dizer.

Compondo de igual forma um dos conceitos principais deste estudo, o silêncio, para Orlandi (2007), possui significância própria, garantindo a movência dos sentidos. “A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeito se movem largamente” (ORLANDI, 2007, p. 27). A autora expressa que não há sentido sem silêncio e para se assimilá-lo é preciso considerar a historicidade do texto e os processos de construção dos efeitos de sentidos.

Tendo em vista as condições de produção do discurso desenvolvido nas mídias digitais, traçaremos a seguir uma breve discussão acerca do discurso digital, prosseguindo posteriormente com as análises.

O discurso em/na rede digital: a movimentação dos sujeitos e dos sentidos

A dinâmica estabelecida pelo digital viabiliza a movência dos sujeitos e dos sentidos de forma fluida e demanda considerar a multiplicidade dos embates discursivos nesse espaço de formulação e circulação de dizeres. Dias (2018, p. 28) entende o digital enquanto uma “condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas”.

Nesse bojo, tomamos aqui o *facebook*⁶ como um campo discursivo de produção de sentidos e de embates ideológicos. Essa trama é constituída de ícones, imagens, *gifs*, *emojis*, *links*, *hashtags* e demais atributos; todos esses recursos digitais são materialidades que intervêm na produção de sentidos. Para Dias (2016), esse fator está ligado à inscrição do corpo na forma material do dizer. A noção de corpografia, segundo a autora, “refere-se à textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita (e um corpo) afetada pelo digital” (DIAS, 2016, p. 12-13).

Neste estudo, buscaremos compreender, pelos gestos de interpretação, os efeitos da rede social e digital no funcionamento do discurso da/sobre da “nova” Previdência, tomando essa rede como objeto discursivo e não apenas em seus aspectos tecnológicos; buscaremos observar como as tecnologias digitais afetam os efeitos de sentidos e as tomadas de posição dos sujeitos.

⁶ Criado em fevereiro de 2004, o *Facebook* é uma mídia e rede social que conta com bilhões de usuários ativos no mundo. Foi fundado pelo norte-americano Mark Zuckerberg e seus colegas de faculdade Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes.

Segundo Pêcheux (2015), toda sequência de enunciados é tida como uma série de pontos de deriva, ofertando lugar à interpretação e é nesse espaço que a AD pretende operar. Pêcheux (2015, p. 54) assegura que se devem traçar nas práticas discursivas o lugar e o momento da interpretação, quanto aos da descrição: “dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento”. Pelo exposto, passemos à descrição e interpretação das sequências discursivas (SDs) coletadas.

A página da Previdência e Trabalho, no *facebook*, possui mais de um milhão e meio de seguidores. A propaganda em análise foi publicada um dia após o presidente Jair Bolsonaro entregar pessoalmente a PEC aos então presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre, para início das tramitações que, posteriormente, culminariam na aprovação das mudanças.

Na postagem, a mídia reitera o que é exibido no vídeo, configurando aqui nossa primeira SD.

Figura 1 – Postagem na página “Previdência e Trabalho”
SD1



Fonte: *Facebook*. Página “Previdência e Trabalho”. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?t=28&v=407015899866605>. Acesso em: 04 out. 2019.

O perfil da página apresenta uma imagem nas cores verde e amarelo com o título, ao centro, *Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia*, em fontes em branco e amarelo. No jogo imagético que atravessa a imagem de perfil funciona um efeito de sentido

nacionalista, pois as cores remetem às mesmas da bandeira brasileira. Além disso, na conjuntura atual da nação, essas cores instauram sentidos direitistas.

Na SD1, observamos alguns efeitos de sentidos em sua historicidade. Nessa sequência, a posição-sujeito instituída é de defesa às alterações, instaurando efeitos de sentidos de que as mudanças abrangem toda a população de maneira a proporcionar-lhe um futuro de prosperidade, anulando a concessão de “privilégios” a determinadas camadas. Isto posto, lida-se aí com o sentido sobre os sentidos, no instante em que o discurso deriva e reforça que o modelo previdenciário vigente atua como distribuidor de privilégios. Ademais, o termo “nova” Previdência funciona com efeitos de que “novos” benefícios serão destinados aos trabalhadores, mudanças essas que não se tratam de uma “reforma” no sistema previdenciário, mas sim da instituição de regras que transformarão o quadro até então em vigor e, conseqüentemente, a vida dos segurados.

Contudo, as questões que envolvem os direitos trabalhistas são silenciadas. Orlandi (2007) argumenta que as palavras possuem muitos sentidos a não dizer e são carregadas de silêncio. Conforme a autora, da mesma maneira que as palavras, os silêncios são múltiplos. Dessa forma, o silêncio não é transparente, mas opera na passagem entre pensamento, palavra e coisa (ORLANDI, 2007). Observamos nessa sequência que o silenciamento reverbera e significa.

Outrossim, na SD1, funciona o mesmo pré-construído materializado nos ditos acerca da Reforma Trabalhista (RT)⁷, a saber: ‘para que a economia de um país cresça, precisa-se efetuar grandes reformas’. Consoante Pêcheux (2014, p. 142), o “efeito de pré-construído consistiria numa discrepância pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado “antes, em outro lugar, independentemente””. Nesse sentido, os dizeres materializados na SD1 funcionam sob o viés da ideologia neoliberalista.

O neoliberalismo é conceituado como uma doutrina socioeconômica que preconiza um parâmetro de livre mercado e defende uma restrita intervenção estatal sobre a economia. Costa (2006) assegura que o neoliberalismo trata-se de um movimento político e ideológico que visa criar legitimidade e manter a expansão da globalização econômica, tendo por justificativa a desigualdade social mediante a ideia de diferenças naturais. A autora pontua que o Estado situa-se no centro do embate neoliberal, pois como movimento político-ideológico

⁷ Instrumentalizada pela Lei nº 13.467/17, a Reforma Trabalhista, proposta pelo governo do ex-presidente da República Michel Temer, equivale a uma mudança na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que passou a vigorar desde 2017.

busca usar o poder político para conceder liberdade de ação ao grande capital (COSTA, 2006).

O Estado para os neoliberais não deve ser indistintamente fraco. Deve ser fraco na esfera da regulação econômica, da tributação sobre o capital e na promoção de benefícios e direitos sociais. O Estado neoliberal deve fortalecer-se para defender o livre mercado e favorecer a acumulação capitalista. Assim, na periferia capitalista este processo assume, cada vez mais, o caráter privatizante, aliado à abertura econômica e à redução da seguridade social. (COSTA, 2006, p. 78)

Silva Sobrinho (2019) salienta que a sociedade capitalista, em sua dominação burguesa, procura explicar as relações de trabalho/exploração enquanto algo “natural” no mundo “globalizado” e “neoliberal”, tentando explorar os trabalhadores a fim de manter a lógica do lucro. Logo, o discurso inscrito na SD1 funciona com sentidos de que as modificações são necessárias, todavia silencia as regras a serem implementadas, que afetarão diretamente os trabalhadores.

De acordo com Indursky (2013, p. 92), “na base das práticas discursivas de um sujeito, pré-construídos provenientes do interdiscurso, ao serem retomados, trazem consigo um determinado espaço de memória que ecoa em seu discurso”. No caso da SD1, o discurso de execução de mudanças é retomado, ressoando a necessidade imediata de alterações cabíveis. Temos nessa sequência, portanto, o que postula Indursky (2008): ao ser interpelado pela ideologia, o sujeito cria condições para a produção de sentidos e seus efeitos de evidência.

A postagem conta com efeitos do discurso digital, quais sejam, *emojis* (ícone ilustrado característico das redes sociais) de um braço e de um rosto que produzem, respectivamente, sentidos de força e de concordância às mudanças, e a *hashtag*⁸ #NovaPrevidência que instaura o direcionamento, a organização e a indexação de sentidos no digital, favorecendo uma ampla circulação das postagens ligadas ao modelo previdenciário proposto.

Nesse âmbito, nota-se a produção de sentidos e as disputas de poder nas mídias sociais em meio à utilização de recursos peculiares ao ciberespaço e considera-se o não fechamento de sentidos nas redes digitais de significação.

Nisto, observamos, como assevera Dias (2016), as mudanças que o digital promoveu na discursividade do mundo, nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos, no modo dos relacionamentos, entre outros fatores, porquanto pode-se perceber a inscrição do corpo na forma de dizer, quando da utilização dos *emojis* e da *hashtag*.

Vejamos a SD2:

⁸ Compostas por palavras-chave relacionadas a assuntos em discussão, antecedidas pelo símbolo cerquilha (#). Na rede, as *hashtags* transformam-se em *hiperlinks* indexáveis mediante os mecanismos de busca.

SD2⁹

Para os que já conhecem bem a vida,
 para os que acabaram de ser apresentados a ela,
 para os que usam o coração,
 para os que cuidam dele,
 para os que acordam muito cedo,
 para os que ficam até muito tarde,
 para os que constroem casas,
 para os que constroem futuros,
 para os que cuidam da terra,
 para os que cuidam da pátria,
 para os que pedem por mais saúde, educação e segurança,
 para os que querem o que é justo.
 Para todos eles: uma Nova Previdência.
 Todos juntos, sem privilégios, pelo nosso futuro.
 Nova Previdência
 É para todos. É melhor para o Brasil.

Fonte: *Facebook*. Transcrição da publicidade divulgada na página “Previdência e Trabalho”. Disponível em:
<https://www.facebook.com/watch/?t=28&v=407015899866605>.
 Acesso em: 04 out. 2019.

No discurso materializado na campanha publicitária funcionam efeitos de sentidos de que a “nova” Previdência há de trazer vantagens tanto para idosos quanto para crianças, conforme os versos “para os que já conhecem bem a vida” e “para os que acabaram de ser apresentados a ela”. O início da propaganda produz sentidos de reiteração de um futuro promissor a partir das alterações.

Os efeitos discursivos se intensificam por meio das imagens, que (re)produzem os sentidos da formação ideológica neoliberal, em regime de aliança com as FDs governista, publicitária e midiática; uma trama discursiva que defende os interesses empresariais, mas subtrai e apaga os direitos trabalhistas.

Nesse processo, percebe-se a constituição dos efeitos no interior da rede interdiscursiva, estabelecendo elos parafrásticos que trabalham em prol das regularizações de sentidos no discurso de que a “nova” Previdência é para todos. Desse modo, a exibição das imagens de trabalhadores de várias áreas é atravessada pela estabilização do discurso de que não haverá concessão privilégios, em relação às mudanças, a algumas parcelas da sociedade.

⁹ Optamos por transcrever o discurso materializado na publicidade em vez de expormos as capturas de cenas das sequências, haja vista a grande quantidade de capturas que seriam porventura coletadas e aqui fixadas.

O discurso inscrito na publicidade é constituído pelo silêncio, uma vez que suprime e mascara as questões ligadas ao teor das alterações nas regras de benefícios. Orlandi (2007) declara que o silêncio gera significado de forma contínua. Na visão da teórica, o silêncio não diz respeito a distanciamento, mas é presença que atravessa as palavras. “Ele funciona assim como um “ponto de fuga”, para onde vão os sentidos, ao se multiplicarem” (ORLANDI, 2007, p. 155). Na SD1, o dizer materializado na campanha silencia outros dizeres, produzindo um recorte no sentido.

Ademais, na campanha publicitária, a “nova” Previdência funciona como um simulacro de benefícios aos trabalhadores e ao país. Chauí (2006) explica que *simulacrum* trata-se de uma palavra latina proveniente de *similis*, que significa o semelhante. De *similis* surgem as palavras *simul*, de fazer junto, mas também de competir, e *similitudo*, de semelhança, comparação. A teórica comenta que de *similis* emerge o verbo *simulare*, significando copiar, tomar a aparência de, em que este pode significar o simular, o fingir. Isto é, *simulacrum* possui o significado tanto de uma representação ou de uma cópia exata enquanto uma simulação, um fingimento (CHAUI, 2006). Logo, na produção do simulacro, a “nova” Previdência funciona com efeitos de sentidos que tomam a aparência de necessidade das mudanças no sistema previdenciário, efeitos esses instaurados nas imagens materializadas na publicidade.

Em seguida, o discurso da propaganda sublinha três áreas importantes que demandam investimento: saúde, educação e segurança, instaurando sentidos de que com a “nova” Previdência, estas receberão maior atenção, pois como esses campos encontram-se debilitados, parte das verbas poupadas será revertida a eles.

Pêcheux (2014, p. 82) atesta que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”. Na visão do autor, uma referência à História, em relação às questões de Linguística, apenas se justifica mediante uma análise materialista dos efeitos das relações de classes sobre o que se intitula de “práticas linguísticas” inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma dada formação econômica e social.

Segundo Pêcheux (2014), as contradições ideológicas desenvolvidas por meio da unidade da língua são instituídas pelas relações contraditórias que mantêm entre si os processos discursivos, ao passo que se inscrevem em relações ideológicas de classes. Pêcheux (2014) reitera a necessidade de compreender que a ideologia dominante impera no conjunto da formação social (abrangendo, nesse conjunto, a classe dominada).

Silva Sobrinho (2019) explicita, à luz da AD, que o discurso trata-se de um objeto determinado historicamente, e sua complexidade mostra as determinações das lutas de

classes de uma formação social que, no caso atual, é a capitalista, instituída a partir do antagonismo entre capital e trabalho.

Dessa forma, com a prática discursiva e a filiação de sentidos, o discurso inscrito na SD2 reforça sentidos de benéficos do “novo” sistema, com a efetivação das supostas mudanças. Ratificamos aqui o pensamento de Orlandi (2012a), quando ela expõe que os sentidos estão aquém e além das palavras, sendo determinados pelas posições ideológicas no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.

No discurso inscrito na publicidade, a “nova” Previdência é para aqueles que “querem o que é justo”, e que “é para todos, é melhor para o Brasil”. Em tal afirmação, funcionam efeitos de sentidos de que o único caminho para uma nação justa somente ocorrerá com a “nova” Previdência, produzindo a ilusão do efeito de transparência da linguagem.

A determinação da formação ideológica neoliberal nos discursos governista, jurídico, midiático e publicitário produz embates ideológicos nas redes, instituindo efeitos de sentidos com embasamento em já-ditos de que as mudanças trarão vantagens a toda a sociedade.

Nesse ínterim, Silva Sobrinho (2019) expõe uma observação quanto à forma como algumas discursividades que clamam por “reformas” têm sido tomadas ideologicamente enquanto importantes princípios aos programas de gerenciamento da produção e ao pensamento e direcionamento do Estado burguês, que considera a globalização e suas práticas neoliberais “um caminho sem volta para a humanidade” (SILVA SOBRINHO, 2019, p. 145). Todavia, para o autor, deve-se entender que essa “nova” ordem mundial é ancorada nos interesses capitalistas em transformação, e, atualmente, encontra-se cada vez mais em crise.

As relações de forças atravessam os discursos, concedendo-lhes significância, visto que o lugar de onde o sujeito fala é constitutivo do dito (ORLANDI, 2012a), e, na medida em que os discursos são postos novamente em circulação, eles vão sendo atualizados com sentidos de justiça e de retomada de crescimento do país, quando, porém, muitos direitos conquistados passam a ser suprimidos.

Dias e Couto (2011) descrevem que as redes sociais são espaços nos quais os sujeitos mantêm relações instituindo um modo de sociabilidade vinculado à divulgação e à formulação do conhecimento, e essas redes têm um papel relevante quanto às formas de subjetivação e individuação do sujeito.

A partir das postagens (SD1 e SD2), inúmeros comentários entram no cenário discursivo do *facebook*, demarcando confrontos discursivos na web e movimentando a multiplicidade dos sentidos. Destaca-se que a mencionada plataforma tem oportunizado recorrentemente a participação de indivíduos na discussão de assuntos, viabilizando a potencialização

representativa de várias vozes. Todavia, como já dito, a AD não se interessa pela voz dos indivíduos e sim pelas posições-sujeito que eles são convocados a ocupar na rede digital.

Em consonância com Dias (2018), a circulação possui um retorno sobre a constituição dos sentidos. Então, pela circulação, por intermédio dos comentários, compartilhamentos, entre outros gestos de interpretação, os sentidos emergem e podem ser replicados com agilidade.

Conforme Pêcheux (2015), os confrontos discursivos instaurados por um trabalho de formulações implicam retomadas, deslocadas e invertidas, no intuito de prefigurar discursivamente o acontecimento, apressando ou impedindo sua vinda, postulando esse presente nos comentários dos leitores, dos quais selecionamos alguns para análise. Passemos às SDs 3, 4 e 5, para analisarmos os gestos de interpretação nessas circulações-confronto.

Figura 2 – Print de comentário

SD3

D. S¹⁰



Fonte: *Facebook*. Página “Previdência e Trabalho”. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?t=28&cv=407015899866605>. Acesso em: 04 out. 2019.

O discurso inscrito na SD3 funciona com sentidos de identificação¹¹ ao discurso governista. A posição-sujeito ora assumida é de que a RP será viável e acabará com privilégios até então concedidos, instaurando a mesma posição-sujeito defendida pelo discurso

¹⁰ Iniciais de quem postou o comentário.

¹¹ Pêcheux (2014) descreve o funcionamento de três modalidades de tomadas de posição do sujeito: o discurso do “bom sujeito”, referindo-se a um processo de identificação a um discurso; o discurso do “mau sujeito”, caracterizando uma contraidentificação, ou seja, uma contestação e um questionamento dos dizeres inscritos numa posição-sujeito; e a desidentificação, que produz uma ruptura com os dizeres determinados por uma FD.

governista. Em razão de todo discurso integrar um processo mais amplo (ORLANDI, 2007), no comentário acima é retomado/regularizado o discurso contido nas SDs 1 e 2.

Vejamos os comentários que constam nas próximas SDs:

Figura 3 – Print de comentário SD4

V. F¹²



Fonte: *Facebook*. Página “Previdência e Trabalho”. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?t=28&v=407015899866605>. Acesso em: 04 out. 2019.

Na SD4 funciona um efeito de ironia ao relatado na publicidade. Em concordância com Orlandi (2012b, p. 14), “o alvo da ironia é aquilo a que ela faz eco”. Para a autora, ao se considerar a ironia um tipo discursivo, postula-se que ela constitui o próprio local do estabelecimento de um processo de significação intitulado irônico. O referido lugar integra a menção ecoica que mostra o elo entre o mesmo e o diferente, o fixado e o possível (ORLANDI, 2012b). Nesse pensamento, Batista (2019) reitera que na conjuntura discursiva a ironia precisa ser pensada no viés das posições-sujeito no discurso, enquanto efeitos de eco e ruptura, concebidos na AD por efeitos parafrásticos e polissêmicos.

Dessa maneira, a ironia ocorre por meio do estabelecimento de uma região significativa, de um espaço de linguagem em que podem ser desenvolvidas não apenas simulações, mas alusões de quebras de significação (ORLANDI, 2012b). A autora explica que a ironia não se trata de um desvio nem de um sentido a mais. Trata-se, porém, de um sentido diferente que se instaura, porquanto as condições de significação do discurso irônico configuram-se como distintas de outros funcionamentos discursivos (ORLANDI, 2012b).

¹² Iniciais de quem postou o comentário.

Nesse sentido, a SD4, inscreve-se em um discurso de resistência e contestação ao discurso governista, pois repudia a idade mínima estabelecida para a concessão da aposentadoria; esse comentário é uma formulação discursiva que se inscreve na FD trabalhista, produzindo efeitos de sentidos, os quais convocam a população a reagir, a fim de que o direito à aposentadoria seja, de fato, efetivo dentro da expectativa de vida dos brasileiros. Orlandi (2002) reforça que o lugar de resistência é o do elo entre língua e ideologia. Assim, no discurso inscrito na SD4 funciona a tensão entre forças que se confrontam no jogo de interesses ideológicos e nas relações de poder.

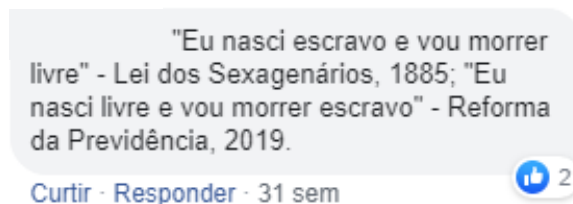
O jogo estabelecido com a expressão “morra trabalhando” rompe com os processos de significação já estabilizados e instaura a equivocidade, discursivizando a reforma com sentidos de exploração à classe trabalhadora que, perante a definição da idade mínima, não terá chances de se aposentar. Isto posto, o discurso inscrito na SD4 produz sentidos contrários ao discurso da “nova” Previdência, com uma posição-sujeito de desidentificação ao discurso governista. Pelo fato de toda descrição estar “intrinsecamente exposta ao equívoco da língua” (PÊCHEUX, 2015, p. 53), instaura-se na SD4 o atravessamento do equívoco a partir da referida expressão.

Orlandi (2012a) descreve que as palavras chegam a nós carregadas de sentidos. Essas expressões podem ter significados diferentes, a depender da posição-sujeito ocupada no discurso. Pêcheux (2014, p. 146-147) enfatiza que “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Outrosim, Pêcheux (2015, p. 53) defende que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro”, portanto, esse é o funcionamento da SD4 em destaque.

O último comentário, na SD5, também funciona em posição de resistência ao discurso governista.

Figura 4 – Print de comentário
SD5

L. S¹³



Fonte: *Facebook*. Página “Previdência e Trabalho”. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?t=28&v=407015899866605>. Acesso em: 04 out. 2019.

O discurso na SD5 retoma por meio da rede interdiscursiva uma formulação relacionada à Lei dos Sexagenários, promulgada em 1885 com o objetivo de libertar os escravos com idade igual ou superior a 60 anos, e a ressignifica, pela substituição metafórica. Conforme Pêcheux (2014), o sentido existe, de modo exclusivo, nas relações de metáfora discursiva, esta realizada em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos, das quais, uma dada FD “vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem” (PÊCHEUX, 2014, p. 240). Para tanto, na segunda parte do comentário da SD5, a substituição da formulação da Lei dos Sexagenários pelo dito “‘Eu nasci livre e vou morrer escravo’ – Reforma da Previdência, 2019” produz sentidos de que a aprovação da idade mínima para aposentadoria - 65 anos para homens e 62 anos para mulheres - fará com que os cidadãos se tornem escravos do sistema trabalhista. Aqui observamos que, embora ainda permaneça uma diferença quanto ao direito de aposentadoria em termos de idade entre homens e mulheres, a fixação da idade mínima para aposentadoria da mulher (62 anos) ocasiona prejuízos. A proposta, então, acentua o desrespeito aos direitos das mulheres e ignora, entre outras coisas, as dificuldades quanto às condições de trabalho a elas atribuídas, à sobrecarga de trabalho, à variação de salários e à informalidade.

Assim, na SD5, a substituição do dito instaura efeitos metafóricos de confrontos de sentidos ao discurso governista, já que a “nova” Previdência é discursivizada não como uma aposentadoria de justiça e equidade, mas como uma escravidão à classe trabalhadora. Orlandi (2012a) enfatiza que o efeito metafórico é local da ideologia, da interpretação, da historicidade. Sendo a língua passível de equívocos, nessa SD são mobilizados outros sentidos historicamente construídos.

¹³ Iniciais de quem postou o comentário.

Logo, as discursividades na seção de comentários funcionam em uma disputa de sentidos, ora em adesão à posição-sujeito assumida no discurso governista, ora em confronto e resistência a esse discurso.

Na retomada das formulações, a repetição pode instaurar uma quebra na regularização dos sentidos (INDURSKY, 2011). Entendendo que não é possível interpretar uma atualidade sem a mobilização do conceito de memória (INDURSKY, 2011), observamos que o discurso materializado na SD5 estabelece um efeito de memória na relação com o discurso abolicionista; o efeito de memória acontece quando “uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva”” (COURTINE, 2014, p. 106). Para Pêcheux (2020),

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (PÊCHEUX, 2020, p. 53)

Desse modo, a SD5 produz efeitos de escravidão para a reforma da Previdência, instaurando uma relação de confronto de sentidos com o discurso governista. Eis a incompletude da linguagem, pois nem os sujeitos, nem os sentidos, nem o discurso estão acabados (ORLANDI, 2012a). Temos nessa SD uma posição-sujeito de desidentificação ao discurso governista.

Os comentários inscritos nas SDs 4 e 5 materializam sentidos que buscam desestabilizar os discursos governista e midiático, ao reivindicar os direitos dos trabalhadores e denunciar a PEC; desse modo, os comentaristas se tornam sujeitos em distintas posições.

Considerações finais

Os discursos referentes à “nova” Previdência inscrevem-se no jogo tenso de embates potencializado pelos elementos da web e da rede discursiva digital, propiciando a movimentação dos sentidos. Destarte, as mídias sociais funcionam como espaços dinâmicos de reprodução e circulação dos discursos.

Nessa trama discursiva funciona uma posição-sujeito de defesa às mudanças, com efeitos de que a “nova” Previdência proporcionará “novas” oportunidades aos trabalhadores. Na transparência dos sentidos, o “novo” modelo busca integrar toda a sociedade em regras justas, instaurando diversas modificações no sistema até então vigente. No entanto, esse discurso silencia e apaga os direitos trabalhistas conquistados com grande luta ao longo da história.

Destacamos, em conformidade com Orlandi (2007, p. 74), que “o silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer”. Então, o silenciamento reverberou no discurso governista, no que tange às supostas mudanças que, em vez de benefícios, traz grandes prejuízos aos trabalhadores.

No discurso dos comentários dos leitores temos as formulações-confronto. Pelo viés da memória, retomadas e atualizações foram efetuadas, com posições-sujeito de identificação e de desidentificação ao discurso governista, desnaturalizando os sentidos sedimentados e silenciados pela mídia. Por conseguinte, no discurso dos comentários, funcionam sentidos de anuência à “nova” Previdência (SD3), mas também sentidos de contestação e resistência, já que a “nova” Previdência é vista como um retrocesso, que impõe intensa exploração aos trabalhadores (SD4 e SD5). Dessa forma, as redes sociais e digitais possibilitam um intenso e complexo movimento da significação e da construção discursiva dos sujeitos.

Na atualização e circulação das formulações funcionam processos metafóricos, com efeitos de sentidos parafrásticos e polissêmicos. Em vista disso, compreendendo as mídias digitais como um espaço discursivo, atravessado pela ideologia e pela memória, onde os sujeitos e sentidos são constituídos, ocorrem ali confrontos de posições-sujeito, como vimos no funcionamento discursivo da “nova” previdência.

Portanto, as redes midiáticas digitais são lugares de embates e funcionam na tensão de forças que buscam a estabilização dos sentidos, mas que também instauram a resistência. Nesse espaço, os internautas, já afetados historicamente e interpelados ideologicamente, assumem diversas posições discursivas no jogo de relações com as FDs. Nesse sentido, o digital configura-se enquanto um espaço onde se instaura, de modo potencial, tanto a estabilização dos já ditos, quanto os confrontos e rupturas, na direção do que aponta Pêcheux (2014, p. 281) sobre a necessidade de “ousar se revoltar”.

DISCOURSIVITIES UPON THE “NEW” WELFARE IN THE NETWORK: BETWEEN THE STABILIZATION OF WHAT HAS BEEN SAID AND THE EQUIVOCATION OF MEANINGS

ABSTRACT: This paper aims to analyze the discourse operation of the “new” Welfare in a post released on the fanpage “Previdência e Trabalho” on facebook, and in three comments in the post, based on the Discourse Analysis (AD) in the perspective of Pêcheux. The discourse, affected by conditions of production and circulation of digital media, works in an intense movement of subjects and meanings. The “new” Welfare is discursivized with effects of justice, however, we observed the operation of equivocation, by updating the memory of old practices of exploitation of workers.

KEYWORDS: Digital discourse; “New” Welfare; Silencing of meanings.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Geisa de Andrade. *A discursivização espetacularizada da política brasileira em memes: metáfora, imaginário e efeitos-sentidos*. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COSTA, Lucia Cortes da. *Os impasses do estado capitalista: uma análise sobre a reforma do Estado no Brasil*. Ponta Grossa: Editora UEPG; São Paulo: Cortez, 2006. Disponível em: <https://portal-archipelagus.azurewebsites.net/farol/eduepg/ebook/os-impasses-do-estado-capitalista-uma-analise-sobre-a-reforma-do-estado-no-brasil/34258/>. Acesso em: 12 maio 2020.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Redisco*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/6139/5880>. Acesso em: 04 jul. 2019.
- _____. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, Pontes Editores, 2018.
- DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 11, n. 3, p. 631-648, 2011. Disponível em: https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/824/763. Acesso em: 09 mar. 2020.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre, Nova Prova, 2008. p. 9-33.
- _____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Memória e história na/ da análise do discurso*. Campinas, Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- _____. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. *Signo e Señá*, Buenos Aires, n. 24, p. 91-104, 2013. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/3210>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Segmentar ou recortar?. *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 9-26.
- _____. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139>. Acesso em: 28 out. 2019.
- _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed., Campinas, Editora da Unicamp, 2007.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed., Campinas, Pontes Editores, 2012a.

_____. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. *Web-Revista Discursividade*, Campo Grande, n. 9, p. 1-42, 2012b. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al (org.). *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 45-53.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

PREVIDÊNCIA E TRABALHO (Brasil). *Todos juntos, sem privilégios, pelo nosso futuro.* 🤝😊 A #NovaPrevidência é para todos. Solta o play!. Brasília, 21 fev. 2019. Facebook: Previdência e Trabalho @previdenciaetrabalho. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?t=28&v=407015899866605>. Acesso em: 04 out. 2019.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a análise do discurso. *Polifonia*, Cuiabá, v. 26, n. 43, p. 130-150, jul./set. 2019. Disponível em: <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8307>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Agradecemos à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) pelo fomento da pesquisa, ao Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da referida Universidade.

Recebido em: 11/02/2022.

Aprovado em: 19/07/2022.